

VISÃO INSTITUCIONAL DA CRIAÇÃO DE PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS NO SETOR DE PRODUÇÃO DE PAPEL E CELULOSE

Silvio Paula Ribeiro ¹

Clari Schuh ²

Viviane da Costa Freitag ³

Marco Aurélio Batista de Sousa ⁴

Nilton Cezar Carraro ⁵

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a participação de organizações na constituição de empresas de serviços na área de produção de papel e celulose. No que concerne ao aspecto metodológico, a pesquisa se apresenta como qualitativa e descritiva e, como métodos de procedimentos, utiliza a pesquisa bibliográfica e survey. Os dados foram obtidos através de questionários, previamente testados. Os atores selecionados são agentes atuantes em organizações que apoiam a criação de empresas, no município de Três Lagoas, estado de Mato Grosso do Sul. O universo compreendeu 268 atores estratificados por atuação nas organizações abordadas. A amostragem por acessibilidade resultou em 114 questionários válidos. A coleta de dados ocorreu no período de julho a agosto de 2015. Os resultados foram analisados com apoio de técnicas de estatística descritiva. Sobre as questões institucionais que se relacionam com a criação de empresas, 39,36% dos respondentes afirmam que o primeiro estágio (gênesis) da empresa, nunca foi priorizado por sua organização. Outro importante resultado destaca uma prioridade maior das normas formais em relação às normas informais no estágio de criação de empresa. Ainda, que as organizações que atuam como apoio à criação de empresas, apontam que apenas 8,48% dos serviços ofertados atendem às novas empresas em seu estágio “embrionário”. Conclui-se que as organizações que atuam no apoio à criação de novas empresas não desenvolvem prioritariamente, suas atividades e ações no estágio embrionário das empresas.

Palavras-chave: Teoria Institucional; Criação de Empresas; Fortalecimento da Empresa; Estágio Embrionário.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - spribeiro@hotmail.com

² Universidade de Santa Cruz do Sul - clarischuh@uol.com.br

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos - vivifreitag@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- mcbsousa7@hotmail.com

⁵ Universidade Metodista de Piracicaba- nilton.carraro@ufms.br

1. INTRODUÇÃO

A criação de empresas é um fator importante para o desenvolvimento econômico de um país. Trata-se de uma tarefa gratificante e complexa, por várias razões. Dentre elas, podemos citar: a pouca divulgação de sua real utilidade na formação de estudantes, ausência de reconhecimento pela sociedade sobre a importância empresarial da atividade, falta de oportunidade, aspectos desfavoráveis do mercado, fatores de produção, definição de estratégias e atendimento às instituições formais e informais (VECIANA, 2005).

A tarefa que envolve a criação de empresas, está intimamente ligada ao ambiente institucional, nas quais serão desenvolvidas. O ambiente institucional pode ser definido como as regras do jogo de uma sociedade, sendo o ambiente regido pelas instituições formais e informais. Entre instituições formais encontram-se as leis, os regulamentos, os decretos e as normas. Já as instituições informais são exemplificadas pelas ideias e crenças, normalmente relacionadas aos aspectos culturais e sociais de um povo (NORTH, 1990). Para North (1992, p. 11) “Se as instituições constituem a regra do jogo, as organizações são os jogadores”. Nesta direção, para a geração e o nascimento de uma empresa, diversas são as instituições envolvidas desde a idealização (nascimento) até o acompanhamento de toda a vida da empresa, sendo consideradas mecanismos que regem o sistema em que a empresa está inserida.

Não há um único entendimento sobre estágios de desenvolvimento das empresas, ou ao que se refere à sequência, ou quantidade destes estágios. Do ponto de vista teórico de Galbraith (1982), Adizes (1997) e Helfat e Peteraf (2003), o “gênesis” embrionário refere-se ao primeiro estágio, ao momento de idealização da empresa, que é delicado e frágil pela natureza em si.

Na sociedade há organizações, tais como: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae); Serviço Social da Indústria (Sesi); Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Instituto Euvaldo Lodi (IEL); Empresas de Assessoria Contábil; Associação Comercial e Industrial; Prefeitura Municipal; Instituto Federal; Grupos de pesquisas; Empresas Júnior; Incubadoras; Universidades públicas e privadas; entre outras, que podem contribuir com a criação de empresas, cada uma de acordo com a abrangência em seu segmento da economia.

Vale ressaltar que para North (1989) a sociedade local é responsável pelo fornecimento de conhecimentos necessários aos empresários, o que pode contribuir com o fortalecimento da atividade empresarial. Tais preceitos estão alinhados à Commons (1931) quando afirma que a responsabilidade sobre estabelecer regras e colocá-las em prática é de competência das próprias instituições empresariais.

Grandes empresas, pelos benefícios que geram, são comumente convidadas a se instalarem em determinadas regiões recebendo em troca benefícios fiscais (NASCIMENTO, 2008). Empresas desse setor, tais como Fibria, International Papers e Eldorado Brasil receberam incentivos fiscais para instalarem-se em determinado local. Vale ressaltar que os incentivos normalmente são oferecidos às grandes empresas e a instalação delas em determinada região podem atrair outras de porte menor (média e pequena) para atender a área de serviços, produção e comercialização na produção de papel e celulose, fazendo parte da cadeia produtiva e gerando benefícios competitivos (CARRARO e CAMPOS, 2011).

A partir desses elementos, levanta-se a proposição de que a oferta de serviços de apoio à criação de empresas, na área de produção de papel e celulose, pode colaborar com o fortalecimento e longevidade delas. E a partir do levantamento dessa proposição, para melhor nortear este estudo, e delimitar melhor o campo de investigação, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: o que as organizações que atuam como fomento oferecem para o fortalecimento da geração de empresas no setor de produção de papel e celulose? Tal questão contribui para delinear o objetivo do estudo que é analisar a participação de entidades e empresas na constituição de serviços na área de produção de papel e celulose.

A justificativa para este estudo é a carência de pesquisas que investigam a criação de empresas em setor específico, e que as “regras do jogo” organizam o marco das relações institucionais no qual se desenvolvem mediante diferentes agentes sociais e econômicos, configurando a estrutura de incentivos, oportunidades e limitações para os diferentes atores. (VECIANA, 1998; URBANO e VECIANA, 2001; CASERO, 2003; URBANO, THORNTON e SORIANO, 2011).

Ao resgatar a literatura sobre instituições formais, informais, criação ou estágio definido como “gênesis” da empresa, pretende-se analisar, de maneira mais específica, se determinadas organizações, normalmente de fomento ao desenvolvimento econômico, social, ambiental e político priorizam o estágio de geração das empresas. A falta de prioridade por parte de quem deve fortalecer a geração da empresa pode ser um dos fatores do elevado número de fechamento de empresas nos primeiros anos de vida. No entendimento de Veciana (1999), a criação de novas empresas está extremamente relacionada ao marco institucional.

Embora as referências utilizadas nesta pesquisa remontem à perspectiva de investigação de criação de empresas, ressalta-se que não se encontrou estudos que abordem e articulem única e exclusivamente a participação de determinadas organizações na geração de empresas na área de produção de papel e celulose.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

O embasamento teórico do artigo foi realizado amparado na literatura sobre teoria institucional, com enfoque na criação de empresas (gênesis) e fortalecimento do negócio (cuidados necessários). Esta base teórica constitui o tripé teórico desta pesquisa, que propõe a ideia de ciclo de análise teórica baseado no estudo de Veciana, (2005).

2.1 TEORIA INSTITUCIONAL

A contribuição literária de North (1989;1990) é utilizada em pesquisas para análise da criação de empresas, tal como em: Veciana (1999); Urbano e Veciana (2001); Aponte (2002); Garcia (2002) e Casero (2003).

Para Veciana (1999), a teoria institucional é uma teoria que proporciona um marco conceitual consistente e apropriado para o estudo da influência dos fatores relacionados à função empresarial e à criação de empresas. Neste sentido, para Urbano e Veciana (2001), a criação de novas empresas está extremamente relacionada ao marco institucional.

Em relação aos fatores formais, encontram-se alguns estudos na literatura, no qual Aponte (2002) destacou os seguintes fatores: política pública, programas governamentais de apoio ao governo, disponibilidade de crédito, incubados e transferências de tecnologias, programas educativos e centros de desenvolvimento de capacidades, consultoria no setor privado, networks formais por meio de associações e câmaras de comércio.

Para Garcia (2002), os fatores informais devem abordar o impacto da cultura, dos costumes, condutas e valores sociais na criação de empresas, por conta das normas sociais que podem afetar determinados atos dos indivíduos. Os fatores informais, para Aponte (2002, p. 44), “incluem as atitudes e percepções das pessoas membros da sociedade”.

De acordo com Casero (2003), a crítica à teoria institucional de North apresenta três correntes: a falta de rigor e precisão nos trabalhos, a ausência de estudos que aglutinem os pensamentos e a aplicação prática da teoria em si. Apesar das críticas à teoria institucional de North, as instituições formais e informais são utilizadas para o estudo da criação de empresas, assim sendo serem tratadas como “as regras do jogo”, e as organizações sociais, políticas, econômicas e educacionais sendo consideradas como os “jogadores”.

À vista disso, a utilização das instituições corretas no momento da geração da empresa

pode contribuir com a construção da sociedade, proporcionando fortalecimento por meio das instituições fornecidas no primeiro estágio no ciclo de vidas das empresas.

2.2 UM PERCURSO TEÓRICO PARA COMPREENDER AS PRINCIPAIS PESQUISAS SOBRE CRIAÇÃO DE EMPRESAS

O processo de criação de empresas, utilizando como base a teoria institucional, tem sido estudado por alguns especialistas, como Veciana (1998), Veciana (1999), Urbano e Veciana (2001), Aponte (2002), Garcia (2002), Casero (2003) e Urbano, Thornton e Soriano, (2011). Ao articular tais considerações com os objetivos deste texto, observa-se que, ao analisar a criação de pequenas e médias empresas, deve-se utilizar como base o marco institucional.

Cooper (1985) destaca a importância da incubadora de empresas para seu desenvolvimento. Casero (2003, p. 77) analisou “o marco institucional formal e informal da criação de empresas em Extremadura, na Espanha”. Com relação ao marco institucional formal analisou a perspectiva da oferta, das instituições e dos programas que prestam serviços de apoio à criação de empresas. E do lado da demanda, analisou o ponto de vista dos atuais e potenciais empresários, o conhecimento, a utilização e a valorização que este tem das instituições, e dos programas e serviços de apoio a criação de empresas, assim como a importância que lhe é atribuída.

Leste, Parnell e Carraher (2003) propuseram o modelo de cinco estágios das empresas e realizaram um teste empírico para definir o estágio específico do ciclo de vida de uma empresa. E ainda discutiram os resultados em uma escala de vinte itens que capturaram a percepção do gestor da posição da empresa no ciclo de vida.

A teoria institucional também foi usada para estudar as atitudes dos estudantes universitários na criação de empresas em Catalunha e Porto Rico, por Aponte, Urbano e Veciana (2006). Entre as principais considerações está a de que a profissão de empresário é relativamente valorizada pelos estudantes em ambos países.

Em pesquisa relacionada aos fatores socioculturais, Urbano, Thornton e Soriano (2011) apontam que a abordagem institucional pode ser um quadro apto a desenvolver a investigação e analisar os fatores socioculturais que influenciam as decisões para criar novas empresas.

Urbano e Alvarez (2014), também utilizam a teoria institucional para estudar as dimensões institucionais na atividade empreendedora e consideram que na dimensão regulatória (menos procedimentos para iniciar um negócio), dimensão normativa (maior atenção da mídia para novos negócios) e dimensão cultural-cognitiva (melhores habilidades empresariais, mercado e conhecimento dos empresários) aumentam a probabilidade da criação de empresas.

Na literatura nacional, diversas são as pesquisas relacionadas à criação de empresas. Exemplo disso é a pesquisa realizada por Ferro e Torkomian (1988) que analisaram as características particulares do processo de criação de pequenas empresas, por meio do estudo de duas empresas que na época haviam sido recentemente criadas. Os autores constaram que até o momento da análise, as empresas estavam conseguindo superar a difícil fase de estabilização da linha de produtos, dos processos e mercados, e haviam passado a estabelecer suas políticas de expansão.

Os sistemas gerenciais de todos os gerentes proprietários foram analisados por Filion (1999), do ponto de vista dos elementos planejamento, organização, comando e controle. Esta pesquisa demonstrou que as atividades nos sistemas gerenciais dos empreendedores e dos operadores diferiam substancialmente daquelas nos sistemas de executivos de corporações, naquilo em que parecem ser mais orgânicas; embora, no caso de operadores que gerenciavam pequenos ou médios negócios, os fluxos operacionais pareciam ser bem mais regulares.

Os fatores de sucesso e de fracasso das micro e pequenas empresas que participaram do programa Proger, no município de Passo Fundo, as características dos dirigentes, as práticas operacionais e os fatores que contribuíram para os melhores resultados dessas empresas foram

pesquisados por Viapiana (2001). Tal pesquisa concluiu que o sucesso empresarial depende de vários fatores, tanto internos como externos, e está relacionado no modo “como” os dirigentes e as empresas atuam.

Sobre o empreendedorismo feminino, Machado, St-Cyr, Mione e Alves (2003) exploraram estudos de aspectos ligados ao perfil geral e gerencial das mulheres. Ao analisar a criação de empresas por mulheres concluíram que essa decisão carrega implícita a insatisfação com os limites da atividade desenvolvida anteriormente, e que a decisão de buscar realização numa empresa própria pode ter sido reforçada pelo elevado nível educacional delas. Desse modo, a principal razão é, de fato, o desejo de melhorar as perspectivas de atuação no mercado de trabalho.

Carraro e Parisi (2007) demonstraram como as indústrias calçadistas da cidade de Jaú, Estado de São Paulo, buscavam manter-se ativas mesmo não evidenciando posicionamento competitivo.

O fenômeno de imersão (embeddedness) do empreendedor e o impacto das redes sociais na criação, bem como a mortalidade de negócios, foram discutidos por Vale e Guimarães (2010). Os autores afirmam que as contribuições desta pesquisa, no plano teórico, ajudam a desvendar algumas das dimensões do processo de criação e mortalidade de empresas, com resultados de natureza prática. As principais considerações apontam que, na visão dos empreendedores, os “ativos relacionais” são tão importantes quanto os outros recursos tradicionalmente citados na literatura (financeiros, de conhecimento técnico, habilidade gerencial).

Em relação aos que encerraram suas atividades, o fator “falta de contatos e relacionamentos” insere-se entre os motivos capazes de explicar o fechamento de suas empresas. O relacionamento mais importante está condicionado a clientes e fornecedores, e a maior parte dos empreendedores utilizaram seus relacionamentos prévios para buscar informações visando melhor êxito no empreendimento.

Os construtos teóricos caracterizadores dos estágios de desenvolvimento organizacional da pequena empresa foram apresentados em estágios do referido ciclo de vida. A falta de consenso e de fundamentação sobre construtos teóricos para os estágios da pequena empresa dificultou o progresso da pesquisa empírica sobre o tema para Oliveira e Escrivão Filho (2011).

Os fatores que condicionam o sucesso e/ou a mortalidade das micro e pequenas empresas, no Estado de Santa Catarina, foram descritos por Grapeggia, Lezana, Ortigara e Santos (2011), cujos resultados da pesquisa apontam que o modelo conceitual, gênese e operação, mostrou-se adequado para apontar possíveis fatores de mortalidade das empresas junto aos empresários. As principais considerações tiveram o propósito de analisar os dados sobre dois fatores na história do empreendimento (conhecimento do produto, foco no negócio, oportunidades, organização e adequação do produto) e fatores os quais o empreendedor apontou como importantes para a empresa (relacionamento entre os sócios, conhecimento do mercado, foco na empresa e oportunidades).

A relação entre empreendedorismo e competitividade global foi verificada por Massaini, Barakat, Gouvêa e Polo (2012), e os resultados demonstraram que há uma relação negativa entre atitude e atividade empreendedoras e o índice de competitividade global. Aponta que, na maioria dos países com altas taxas de empreendedorismo, a procura pela carreira empreendedora baseia-se mais na necessidade do que na oportunidade percebida.

Uma análise quantitativa e qualitativa sobre os fatores associados à mortalidade precoce das micro e pequenas empresas foi realizada por Ferreira, Oliva, Oliva, Hildebrand e Lima (2012). Desta pesquisa, destaca-se que os fatores associados à mortalidade são preponderantemente de natureza estratégica, o que contraria o senso comum que professa a insuficiência de recursos como principal motivador da falência das pequenas empresas.

Ao apresentar os resultados de uma pesquisa que investiga os conhecimentos em Contabilidade Gerencial transmitidos pelos consultores que publicam seus aconselhamentos

em revistas especializadas e direcionados aos empresários das micro, pequenas e médias empresas (MPME), Miranda, Carvalho, Libonati e Cavalcanti (2013) concluíram que é possível aceitar que os consultores brasileiros, em particular os que publicam seus conselhos nas revistas especializadas em negócios das MPME, utilizam-se de modernos conhecimentos de Contabilidade Gerencial, similarmente aos consultores das grandes empresas.

Dois dos elementos do processo de criação: o tempo que os empreendedores necessitam para criar uma empresa e as dificuldades que esses encontram durante a criação, foram investigados por Borges, Fillion e Simard (2013), os resultados indicam que o desempenho e a rapidez com que estas atividades são realizadas são dois fatores independentes, que não exercem efeitos um sobre o outro.

As pesquisas sobre mortalidade ignoram as características típicas das pequenas empresas e o estágio do ciclo de vida no momento do encerramento. Albuquerque (2013) destacou que a mortalidade da pequena empresa pode ser influenciada por suas especificidades, pois são revelados os problemas típicos de cada estágio. Os fatores determinantes do encerramento das pequenas empresas manifestaram-se de forma diferente nos três estágios iniciais da pequena empresa: gênese, existência e sobrevivência.

O estrato social de origem de empreendedores industriais, localizados em Belo Horizonte, e o padrão de mobilidade foram identificados por Vale (2014), cujos resultados obtidos sugerem que, pelo menos no contexto do universo pesquisado, a iniciativa empreendedora não constituiu, em geral, um fenômeno originário da elite. Essa é sobretudo, derivada dos estratos médio e médio-baixo da população.

A maioria das pesquisas segue como propósito essencial a busca por contribuições às pequenas empresas e estão intrinsecamente relacionadas aos vários objetivos propostos nas pesquisas destacadas neste item. Porém, o posicionamento proposto por esse estudo refere-se à ideia de selecionar entre as pesquisas, instituições, as quais podem ser úteis ao estágio (embrionário) em estudo.

2.3 FORTALECIMENTO DA PEQUENA EMPRESA NO ESTÁGIO EMBRIONÁRIO, “GÊNESIS” (CUIDADOS NECESSÁRIOS).

Como exposto, na seção anterior, a literatura destacada não utiliza diretamente o termo “fortalecimento” de criação da empresa. O tema é tratado de forma fragmentado, ora a importância trata-se do empreendedor em si, ora destaca o ciclo de vida da empresa, suas características, competitividade, mortalidade, sucesso, os sistemas gerenciais, os aspectos relacionados ao gênero da pessoa, as instituições formais e informais entre outros.

O que pode diferenciar esta investigação das demais é o propósito de atender-se ao estágio do ciclo de vida das empresas, definido como “gênese”, aquele onde o empresário idealiza a empresa. Para isso, utiliza-se dos estudos de Adizes (1997), Galbraith (1982) e Helfat e Peteraf (2003). Vale ressaltar que estes não são os únicos pesquisadores no assunto, porém, os três têm em comum nos seus estudos, a distinção do referido estágio denominado “gênese”.

Galbraith (1982) apresentou um modelo de estágios de crescimento da empresa de alta tecnologia, identificando a ideia de negócio e o design organizacional (estrutura, pessoas e sistemas) adequado para os diferentes estágios. Uma das razões do fracasso é a dificuldade de pensar a nova organização a partir do projeto. Para o autor, as crises de crescimento são as transições de uma fase a outra da ideia da empresa ou uma alteração fundamental.

Como os organismos vivos, as empresas têm um ciclo: elas nascem, crescem, envelhecem e morrem. Cada estágio tem características e problemas distintos e demandam soluções diferentes. A teoria do Ciclo de Vida mostra como o dirigente pode ajudar a empresa a superar cada fase, alcançando a maturidade sem perder a chama da juventude. O objetivo é chegar ao estágio da plenitude e nele permanecer. Nesse estágio a empresa é flexível, está sob controle

e ainda tem capacidade de crescer (ADIZES, 1997).

O estágio da fundação, para Helfat e Peteraf (2003) inicia quando um grupo de indivíduos junta-se com o objetivo central de criar uma competência. O que pode levar ao que os autores definem como: crescimento, maturidade e declínio.

Do contexto destacado, percebe-se a preocupação com o primeiro estágio do Ciclo de Vida da Empresa, o qual pode ser apenas uma ideia, o que merece cuidados e uma preocupação pelo fato de carecer de informações específicas para o momento. Depois de fortalecida a ideia, passa-se para o próximo estágio. Para Galbraith (1982), esta é uma das dificuldades na construção da ideia da empresa. Nesse sentido as instituições podem ser determinantes para a consolidação da empresa.

A concepção de instituição tem como referência as regras, as normas estabelecidas pelo ser humano a fim de favorecer e facilitar as suas relações. Estas instituições constituem verdadeiras limitações na interação humana. As limitações podem ser formais, aquelas que têm referência em um conjunto de normas explícitas e escritas, como constituições, leis, regulamentos, entre outras, e podem ser informais, tendo como referência as crenças, ideias, comportamentos, cultura e uma sociedade (CASERO, 2003). Para North (1993), as instituições formais e informais formam o denominado pelo autor como “Marco Institucional Formal e Informal”.

O Marco Institucional formal e informal foi utilizado por Casero (2003), para analisar entre outros aspectos a perspectiva da oferta e da demanda dos programas de prestação de serviços e apoio para a criação de empresas.

O fortalecimento das instituições relacionadas à criação de empresas pode contribuir com o surgimento de novas e assim, proporcionar mais emprego, crescimento econômico e inovação contribuindo com o fortalecimento econômico regional ou local. As instituições oferecidas aos empreendedores anterior à criação das empresas podem colaborar com seu fortalecimento em seus próximos estágios. Portanto, apresenta-se a seguinte estrutura de desenvolvimento das instituições: Teoria Institucional; Instituições Formais e Informais (constituições, leis, regulamentos, crenças, ideias, comportamento da sociedade); As Organizações de Suporte; Criação de empresas (Estágio Embrionário).

Seguindo esses pressupostos do Marco Institucional, foram abordadas as nuances apontadas na literatura pesquisada. Assim, entre as referências utilizadas destacam-se as seguintes instituições conforme demonstradas no Quadro 1.

INSTITUIÇÕES: FORMAIS E INFORMAIS

- Aspectos relacionados à Contabilidade Gerencial;
- Conhecimento do produto, foco no negócio, oportunidades, organização e adequação do produto;
- Informações sobre aspectos financeiros, de conhecimento técnico, habilidade gerencial;
- Política pública;
- Programas governamentais de apoio ao governo, Disponibilidade de crédito, Incubados e transferências de tecnologias, Programas educativos e centros de desenvolvimento de capacidades, Consultoria no setor privado, Networks formais: associações de comércio e câmaras de comércio, Capital de risco;
- Serviços de apoio ao primeiro estágio da empresa;
- Características específicas aos primeiros estágios da empresa;

- Aspectos relacionados ao tempo necessário para criar uma empresa e suas dificuldades;
- Aspectos relacionados à estratégia e aos recursos necessários;
- Aspectos relacionados à atividade e a oportunidade de se criar uma empresa;
- Relacionamento entre os sócios, conhecimento do mercado, foco na empresa e oportunidades.
- Informações sobre falta de contatos e relacionamentos com clientes e fornecedores.
- Informações relacionadas com desejo de melhorar as perspectivas de atuação no mercado de trabalho, como empreendedor.
- Informações sobre o sucesso empresarial, que este depende de vários fatores, tanto internos como externos, e está relacionado no modo “como” os dirigentes e as empresas fazem as coisas;
- Aspectos relacionados à conveniência, viabilidade e intencionalidade de criar uma nova empresa.

Quadro 1: Instituições formais e informais.

Fonte: Baseada na literatura de: Adizes (1997); Galbraith (1982); Viapiana (2001); Aponte (2002); Casero (2003); Machado et al., (2003); Vale e Guimarães (2010); Vale e Guimarães (2010); Grapeggia et al., (2011); Ferreira et al. (2012); Massaini et al., (2012); Borges, Filion e Simard (2013); Miranda et al., (2013).

O rigor das regulamentações, normas e leis que exigem investimentos em tecnologias para minimizar os impactos ambientais estão entre os fatores críticos que as empresas se defrontam. Este fato contribui com a taxa de mortalidade das empresas onde até o terceiro ano de atividade é de 53%, e esse índice muitas vezes está relacionado à ineficiência da gestão estratégica desses empreendimentos (SUNDFEL, 2011). Portanto, a sociedade preocupando-se com estas questões pode fortalecer a criação de empresas.

O Sebrae (2014) analisou as causas mortis das empresas sob três perspectivas: planejamento prévio, gestão empresarial e comportamento do empreendedor. O planejamento prévio, o qual corresponde à fase denominada como gênese do negócio, destacou: 37% não sabiam a melhor localização; 33% não tinham informações sobre fornecedores; 32% não conheciam os aspectos legais do negócio; 31% não sabiam o investimento necessário para o negócio e 18% não levantaram a qualificação necessária da mão de obra. Em relação à gestão empresarial os meios de fortalecimento visando manutenção no mercado foram: aperfeiçoar produtos e serviços, atualizar-se constantemente quanto às tecnologias do setor, inovar em processos e procedimentos e investir em capacitação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme Yin (2010), as estratégias de pesquisa em Ciências Sociais podem ser de origem: experimental, survey (levantamento), histórica, análise de informações de arquivos (documental)

e estudo de caso. Cada uma dessas estratégias pode ser usada para propósitos exploratórios, descritivo ou explanatório (causal).

A pesquisa survey pode ser utilizada para estudar as pessoas, os animais, o solo entre outras coisas. Trata-se de uma pesquisa do tipo levantamento, como o estudo das pessoas de determinada área, ou grupo de pessoas, os empregados, desempregados, os médicos, os líderes da comunidade entre outros (CRESWELL, 2010). Este estudo caracteriza-se como survey, e faz uso de uma abordagem exploratória qualitativo-quantitativa.

Creswell (2010), afirma que os componentes de uma pesquisa survey são o conceito, os componentes do método, o design, a população, o instrumento, as variáveis do estudo, a análise dos dados e a metodologia.

COMPONENTES DA SURVEY	CARACTERÍSTICAS DOS COMPONENTES
A POPULAÇÃO DA PESQUISA	267 profissionais estratificados pela atuação em organizações de apoio à criação de empresas, composto por: escritórios de contabilidade, institutos, universidades, Sesi, Senai e Sebrae.
INSTRUMENTO DE PESQUISA	Questionário com quatro blocos de questões: o primeiro bloco cuidou da identificação do respondente, o segundo e terceiro composto de questões fechadas utilizando escala likert e o quarto bloco com uma questão semi-aberta.
VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	22 respondentes que não participaram do estudo
PERÍODO DE COLETA DOS DADOS	Julho e agosto de 2015.
AMOSTRA DA PESQUISA	114 questionários respondidos, amostragem por acessibilidade
ANÁLISE DOS DADOS	Estatística descritiva

Quadro 2: Componentes da Survey.

Fonte: Baseado em Creswell (2010).

A unidade de análise foi formada pelos proprietários de Escritórios de Contabilidade, professores e consultores do SESI, SENAI, Instituto Federal, Universidades Pública e Privada, instaladas no município de Três Lagoas, Estado de Mato Grosso do Sul, por entender que esses agentes contribuem em maior ou menor medida para o fomento de novas empresas.

O instrumento de pesquisa foi formado por quatro blocos de questões. O primeiro bloco destinou-se à caracterização do perfil do respondente, sendo que o segundo trouxe questões específicas sobre aspectos institucionais relacionados com a criação de empresas. Já o terceiro bloco questionou sobre a atuação da instituição representada pelo respondente ao que se refere à priorização de algum estágio do ciclo de vida das empresas, e por fim, o último bloco solicita que o respondente aponte dois itens que sua instituição ofertou a empresas ou empresários com o intuito de qualificação. O primeiro bloco de questões trata-se de alternativas fechadas, enquanto que o segundo, tratando-se das questões institucionais, fez uso de escala do tipo

likert com cinco graus de concordância (1=nunca; 2=raras vezes; 3=algumas vezes; 4=muitas vezes; 5=sempre) e reuniu a frequência de ocorrência dessas situações no exercício da principal atividade profissional do respondente. O terceiro bloco fez uso de alternativas fechadas, e por fim, o último bloco apresentou uma questão aberta.

Após a caracterização da população, da elaboração do questionário, com base nos referenciais que embasam esse estudo, no início do mês de julho de 2015, abriu-se contato com as empresas, com o propósito de formar o grupo de possíveis respondentes. Nesse contato, foram solicitados e-mail e telefone. Assim, os possíveis respondentes foram selecionados da seguinte forma:

EMPRESAS	POPULAÇÃO	
	NÚMERO	PERCENTUAL
Escritório de contabilidade	28	10,49
Professores universidade pública	109	40,82
Professores universidade particular	58	21,72
Consultores (SENAI, SESI e empresas Jr.)	72	26,97
TOTAL	267	100%

Quadro 3: Demonstrativo dos respondentes e não respondentes

Um levantamento preliminar indicou como número máximo de respondentes 267 (duzentos e sessenta e sete), sendo que o questionário foi enviado ainda na primeira quinzena do mês de julho, por e-mail, a 36 (trinta e seis) possíveis respondentes. Tomou-se o cuidado de selecionar dentre 36 (trinta e seis) e-mails de profissionais, os quais contemplassem as quatro categorias empreendedoras que colaborariam para a criação de empresas, a fim de testar o instrumento de pesquisa. Disso obteve-se 22 (vinte e dois) respostas, que apontaram elementos de ajustes. As necessidades de ajustes apontados foram: no primeiro bloco de questões foi incluída a opção Administração e Ciências Contábeis; no segundo bloco foi realizada uma melhor caracterização das questões informais (crenças, valores da cultura local, dos costumes, condutas e valores sociais na criação de empresas) revisitando a literatura levantada. Já no terceiro bloco, incluiu-se a opção “não tenho mais nada a assinalar”. Após ajustar as considerações desse conjunto de respondentes, tais questionários foram descartados da amostragem estudada.

Scheuren (2004) afirma que para desenvolver o questionário deve-se antes escolher a forma de coleta de dados (por exemplo, correio, telefone, ou por pessoa). Assim, o planejamento do questionário é uma das etapas mais críticas em pesquisas sociais. A elaboração das questões é uma difícil tarefa para os pesquisadores que precisam fazer uso de um pré-teste do questionário a fim de descobrir sua real utilidade.

Na sequência, foi enviado um e-mail aos possíveis respondentes, com o instrumento de pesquisa já ajustado, e à medida que os retornos ocorriam, a lista de envios era corrigida. Após sete rodadas de solicitações, no dia 15 (quinze) de agosto de 2015, foi dado por encerrado o recebimento dos questionários. Os e-mails de retorno com as respostas sempre foram conferidos para verificar se o questionário não estava sendo respondido, duplamente pelo mesmo respondente.

O total de questionários respondidos foi de 122; porém, oito desses tiveram que ser excluídos

da amostra por apresentarem problemas, como incompleto ou em branco. A composição da amostra desta pesquisa é de natureza não probabilística, por acessibilidade. O quadro 4 apresenta a população e amostra, estratificada por grupos representativos de entidades que atuam no apoio à criação de novas empresas. O quadro a seguir destaca os respondentes após as exclusões.

EMPRESAS	POPULAÇÃO		RESPONDENTES	
	NÚMERO	PERCENTUAL	NÚMERO	PERCENTUAL
Escritório de contabilidade	28	10,49	14	12,28
Professores universidade pública	109	40,82	69	60,52
Professores universidade particular	58	21,72	16	14,03
Consultores (SENAI, SESI e empresas Jr.)	72	26,97	15	13,17
TOTAL	267	100%	114	100%

Quadro 4: Demonstrativo dos respondentes e não respondentes

A amostra de estudo, com base na acessibilidade compreende 114 respondentes representando diferentes estratos de organizações que apoiam a criação de novas empresas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesse item, apresentam-se a tabulação dos dados e os confrontos dos itens abordados no questionário com o propósito de analisar a participação de determinadas organizações na constituição de empresas na área de produção de papel e celulose.

A Figura 1 foi elaborada com base nos dados secundários coletados junto ao site das empresas entrevistadas. O Estado onde estão instaladas a Fibria, International Papers e Eldorado Brasil, de tradicional mercado agropecuário tornou-se um dos maiores produtores de Papel e Celulose do mundo atraindo investidores de diversos lugares. As novas unidades de Papel e Celulose que impulsionaram o Estado, foram motivadas principalmente por incentivos fiscais oferecidos pelo governo federal, estadual e municipal. Estas três indústrias juntas realizaram investimentos totais nos últimos anos de aproximadamente dez bilhões e produzem juntas, três milhões de toneladas por ano de papel e celulose gerando de forma direta, seis mil vagas de trabalho para a região.

Porém, a Junta Comercial do Estado de Mato Grosso do Sul, informa que no ano de 2013, 106 empresas fecharam as suas atividades em Três Lagoas. Já em 2014, 118 encerram as atividades. Este número pode ser maior ainda visto que muitos proprietários não formalizarem na Junta Comercial o encerramento das atividades.



Figura 1: Cenário de Produção de Papel e Celulose.

Diante deste contexto e após a descrição do cenário de pesquisa, apresentam-se os dados coletados pelo questionário. Assim, as principais características dos respondentes foram detalhadas diante dos seguintes aspectos: graduação, titulação máxima, principal função e tempo de atuação profissional.

Com formação em Ciências Contábeis obteve-se o retorno de 33,33% Em Administração 24,56%, com formação em Engenharia de Produção 12,28%, Direito 12,28%. Outra formação, tal como técnica e sistemas de informações correspondem a 15,79%; e com duas formações, sendo Administração e Ciências Contábeis 1,75% dos respondentes.

Portanto, apresentam-se como principais respondentes os profissionais de áreas predominantemente gerenciais. Estes profissionais podem fornecer informações relacionadas aos aspectos formais e informais necessários à criação de empresas, ou seja, administradores e contadores podem atender aos cuidados suficientes no primeiro estágio da empresa.

A titulação dos respondentes foi distribuída com as seguintes proporções: os graduados 15,79%, os especialistas, 22,80%, os mestres 36,84%, os doutores 21,05%. Outras como técnico em contabilidade, apresentaram o percentual de 3,5%. Vale ressaltar o bom nível de qualificação dos respondentes, onde 57,89% são mestres ou doutores.

Em relação à principal função ocupada pelos respondentes, apurou-se que 40,37% atuam como professor de instituição pública, outros 21,05% exercem a função de docente em instituição privada. Já 21,05% ocupam a função de gestor na organização em que trabalha, 5,77% tem função técnica e 11,75% dos respondentes tem como principal função a consultoria. Uma das justificativas para o maior percentual de respondentes ser de professor de instituição pública pode ser justificado por haver duas no local: o Instituto e a Universidade Federal.

Quanto ao tempo de atuação dos profissionais respondentes encontram-se o percentual de 25,56% que estão no mercado há menos de cinco anos, de seis a dez anos somam 17,54%, de 11 a 15 anos corresponde a 21,05%, de 16 a vinte anos tem-se o percentual de 17,28% e 19,03% dos respondentes estão atuando no mercado há mais de vinte anos.

Quanto às principais características dos respondentes, destaca-se que o maior percentual é de profissionais da área de Ciências Contábeis e Administração, mestre e doutores formam o maior percentual de respondentes. A maioria tem como principal função a de professor em instituição pública e 57,36% trabalha no mercado há mais de dez anos. Essas características vão ao encontro do pressuposto de que a maioria dos respondentes demonstra bom conhecimento do contexto pesquisado.

O Quadro 5 apresenta a frequência de respostas das questões institucionais relacionadas com a criação de empresas e que emergiram do referencial bibliográfico. O entrevistado escolheu na escala do tipo likert de cinco graus de concordância (1=nunca; 2=raras vezes; 3=algumas vezes; 4=muitas vezes; 5=sempre) e a frequência de ocorrência dessas situações no exercício da sua principal atividade profissional.

Quant.	Item	Escala de um a cinco				
		1	2	3	4	5
A	Informações sobre como o gestor da empresa deve definir e executar as atividades;	3,03	21,21	36,38	12,12	12,12
B	Informações se a insuficiência de recursos é determinante para o fracasso da empresa;	9,10	15,15	21,21	21,22	21,22
C	Informações sobre o tempo que os empreendedores necessitam para criar uma empresa e as dificuldades que eles encontram durante a criação, e a relação entre tempo e dificuldade;	12,12	15,15	12,12	33,34	33,34
D	Informações sobre a Organização (abertura da empresa)	15,15	21,21	9,09	18,18	18,18
E	Informações sobre a importância dos laços sociais;	18,18	12,12	30,31	27,27	27,27
F	Informações sobre o apoio ao primeiro estágio (gênesis) da empresa;	39,36	15,15	24,24	15,15	15,15
G	Informações sobre a necessidade de diversos relacionamentos (sócio, fornecedores, clientes)	6,10	12,12	15,15	30,30	30,30
H	Informações sobre cuidados informais (cultura, crenças, valores e normas locais) para criar uma empresa;	30,27	15,15	24,24	24,24	24,24
I	Informações sobre aspectos gerais de contabilidade e crédito;	15,15	12,12	24,25	21,23	21,23
J	Informações sobre regras, legislação, normas, impostos e cuidados formais para criar a empresa.	6,06	12,12	24,24	15,15	15,15

Quadro 5: Demonstrativo dos cuidados fornecido à criação de empresa.

O item “informações sobre como o gestor da empresa deve definir e executar as atividades” foi apontada sempre ou quase sempre pelos respondentes. Percebe-se então, a preocupação dos respondentes em relação a este fato. Este achado vai ao encontro de Viapiana (2001), o

qual afirmou que o sucesso da empresa depende muito do perfil e da forma como os dirigentes trabalham.

Mais da metade dos respondentes apontaram que as informações sobre a insuficiência de recursos é determinante para o fracasso da empresa e estas foram “sempre ou quase sempre” oferecidas durante as atividades profissionais. Pelo estudo de Ferreira et al., (2012) observa-se que os aspectos relacionados à estratégia e aos recursos necessários são determinantes para o sucesso da empresa.

As informações sobre o tempo que os empreendedores necessitam para criar uma empresa e as dificuldades que eles encontram durante a criação assim como a relação entre tempo e dificuldade foram destacadas por mais da metade dos respondentes como importantes para a empresa e foram oferecidas nas suas atividades, contrariando os dizeres de Borges, Filion e Simard (2013) pois estes afirmam que o tempo e as dificuldades durante a criação de empresas não tem relação entre si.

Sobre a importância dos laços sociais na criação de empresa, o maior percentual de respondentes foram daqueles que informaram propiciar tais laços apenas algumas vezes, à sociedade. Vale e Guimarães (2010) afirmam que informações sobre falta de contatos e relacionamentos com clientes e fornecedores são fundamentais para o sucesso da empresa.

Os achados no item “informações sobre o apoio ao primeiro estágio (gênesis) da empresa”, confirmam as pesquisas de Galbraith (1982) e Adizes (1997), ou seja, a prioridade das atividades em relação ao primeiro estágio (gênesis) da empresa foi apontada por apenas 6,10% dos respondentes. O maior percentual neste item corresponde a 39,36%, e representa a não priorização do referido estágio nas atividades desenvolvidas pelos respondentes.

Mais de 60% dos respondentes apontam que “sempre ou quase sempre” priorizaram nas suas atividades, informações sobre a necessidade de diversos relacionamentos (sócio, fornecedores, clientes) no processo de consolidação de uma empresa. Esta preocupação foi destacada em outros estudos, conforme Grapeggia et al., (2011).

Cerca de 45% dos entrevistados apontam que informações sobre cuidados informais (cultura, crenças, valores e normas locais) para criar uma empresa, “nunca ou quase nunca” foram prioridade ao exercer a sua atividade principal. E para os autores North (1989), Veciana (1999), Urbano e Veciana (2001) e Casero (2003), o desenvolvimento das instituições informais são fundamentais para a criação de empresas.

Já as informações sobre contabilidade e crédito em geral não apresentam um indicador significativo, ou com maior destaque que os demais. Este fato pode ser justificado por haver, entre os respondentes, profissionais da área de administração e engenharia de produção que não oferecerem informações com estas características. Porém, vale ressaltar que Aponte (2002), Vale e Guimarães (2010) e Miranda et al. (2013) destacaram que informações sobre aspectos financeiros, de conhecimento técnico, habilidade gerencial são fundamentais para o desenvolvimento da empresa.

As informações (formais) sobre regras, legislação, normas, impostos e cuidados formais para criação da empresa foi apontado por 57,58% dos respondentes como “quase ou sempre” foram prioridades nas suas atividades. Destaca-se uma prioridade maior das normas formais em relação às normas informais. Em outros estudos foram ressaltadas a importância das instituições para a criação de empresas, entre estes estão North (1989), Veciana (1999), Urbano e Veciana (2001) e Casero (2003).

O terceiro bloco, utilizou uma questão de múltipla alternativa para indicar o grau de prioridade e dedicação que cada estágio acarreta nas organizações que atuam como apoio à criação de empresas. Destes resultados apenas, 8,48% dos respondentes, indicaram a opção “embrionário”, ou seja, priorizam o primeiro estágio no ciclo de vida das empresas; 27,12% indicaram como prioritário o segundo estágio, “existência”. Já 15,25% assinalaram o terceiro estágio “maturidade”, por sua vez, 5,08% escolheram o quarto estágio “declínio” e 23,73%

ênfatizam todos os estágios do ciclo de vida das empresas. No entanto, 20,34% afirmaram que ao exercer a principal atividade, nunca priorizam qualquer estágio do ciclo de vida das empresas. Portanto, o percentual dos respondentes que afirmam priorizar o primeiro estágio “embrionário”  de apenas 8,48%. Assim, observa-se que esse fato não fortalece a criao de empresas, no local estudado. O que pode justificar a falta de prioridade nestas informao es e o fato de Adizes (1997) afirmar que os estudos sobre as características em relao aos estágios no ciclo de vida das empresas não contempla o primeiro deles.

E por fim, o último bloco, apresentou uma questão semi-aberta questionando se ocorreu algum fato ainda não destacado quanto às leis, legislao, obrigao es tributárias, trabalhistas, aspectos da cultura local, crenças, código de condutas, valores e normas locais, oferecido às empresas ou empresários, no cotidiano de suas atividades. As respostas foram apresentadas conforme Quadro 6.

ITENS	QUANTIDADE	PERCENTUAL
Consultoria	30	37,97
Planejamento	18	22,78
Imposto municipal e estadual, federal.	14	17,72
Finanças	14	17,72
Cultura local	2	2,53
Código de condutas	1	1,28
TOTAL	79	100%

Quadro 6: Informao es destacadas pelos respondentes.

O aspecto mais apontado foi consultoria relacionada a diversos assuntos, tais como: organizao, aspectos legais do processo de abertura da empresa, recursos humanos, controle e a importância da credibilidade ao cliente. O planejamento foi o segundo item e se refere ao planejamento estratégico ou tributário da empresa. Informao es quanto aos impostos municipais, estaduais, federais e finanças tmbm foram citados sendo que a cultura e código de condutas foram citados duas vezes apenas. Esta questão confirma os achados anteriores, ou seja, observa-se uma ateno maior ao oferecimento  criao de empresas das instituio es formais destacadas nesta pesquisa. Outra informao importante coletada nesta questão  o fato de que 42,37% dos respondentes, disseram não ter mais nada a destacar. Porém, vale ressaltar que nos estudos de North (1989), Veciana (1999) Urbano e Veciana (2001) e Casero (2003), que afirmaram que tanto as instituio es formais, quanto as informais são importantes na criao de empresas.

5. CONSIDERAO ES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a participao de organizao es de apoio  criao de empresas tais como: Sebrae, Sesi, Senai, Empresas de Assessoria Contábil, Associao Comercial e Industrial, Prefeitura Municipal, Instituto Federal, Universidades Públicas e Privadas na constituio de empresas de serviços na área de produo de papel e celulose.

A questão proposta foi verificar o que estas organizações oferecem para o fortalecimento da geração de empresas no setor de produção de papel e celulose. Os principais achados desta pesquisa foram: Os entrevistados informam sobre a importância das atividades executadas pelo gestor da empresa para o sucesso da mesma; existe uma preocupação da maioria dos entrevistados em informar a importância dos recursos no sucesso da empresa; os respondentes disseram que passam informações sobre o tempo que os empreendedores necessitam para criar uma empresa e as dificuldades que encontram durante a criação; e que existe relação entre tempo e dificuldade para estabelecer uma empresa. Observou-se também a preocupação dos respondentes em informar sobre a organização, a importância dos laços sociais, o bom relacionamento com sócio, contabilidade, crédito, fornecedores e clientes para consolidação da empresa.

Destaca-se entre as questões institucionais que se relacionam com a criação de empresas, que 39,36% dos respondentes afirmam que o primeiro estágio (gênesis) da empresa, nunca foi priorizado por sua organização. Outro importante resultado destaca uma prioridade maior das normas formais em relação às normas informais no estágio de criação de empresa. Ainda, que as organizações que atuam como apoio à criação de empresas, sinalizam que apenas 8,48% dos serviços ofertados atendem às novas empresas em seu estágio “embrionário”. Conclui-se que as organizações que atuam no apoio à criação de novas empresas não desenvolvem prioritariamente, suas atividades e ações no estágio embrionário. Não existe prioridade por parte da maioria dos respondentes em relação ao fornecimento de informações direcionadas ao estágio (gênesis) da empresa; a preocupação com as informações relacionadas às instituições informais (cultura, crenças, valores e normas locais) mostrou-se menor quando comparadas às instituições formais (regras, legislação, normas e impostos) para criação da empresa.

Assim, entende-se que a pesquisa atingiu o seu propósito, ao destacar que a falta de prioridade por parte de quem deve fortalecer a geração empresarial pode ser uma das consequências do elevado número de fechamento de empresas nos seus primeiros anos de vida. E como sugestão para pesquisa futura faz-se necessário a aplicação deste estudo em outras localidades, com o propósito de comparar resultados.

As limitações à pesquisa, além da territorialidade, concentram-se na teoria referenciada. Portanto, para replicação do estudo, há que se considerarem estas condições. Como contribuições futuras, sugere-se a abordagem em outras regiões para checar quais os fatores motivadores e limitadores à visão institucional na criação de pequenas e médias empresas.

INSTITUTIONAL VISION OF THE CREATION OF SMALL AND MEDIUM-SIZED ENTERPRISES IN THE PAPER AND CELLULOSE PRODUCTION SECTOR

ABSTRACT: This study aims to analyze the participation of organizations in the constitution of service companies in the area of paper and pulp production. As far as the methodological aspect is concerned, the research is presented as qualitative and descriptive and, as methods of procedures, uses bibliographic research and survey. The data were obtained through questionnaires, previously tested. The selected actors are agents active in organizations that support the creation of companies in the municipality of Três Lagoas, in the state of Mato Grosso do Sul. The universe comprised 268 actors stratified by performance in the organizations approached. Accessibility sampling resulted in 114 valid questionnaires. Data collection occurred from July to August 2015. The results were analyzed with the support of descriptive statistics techniques. Regarding institutional issues related to business creation, 39.36% of respondents say that the first stage (genesis) of the company was never prioritized by its organization. Another important result highlights a higher priority of formal norms in relation to informal norms at the stage of enterprise creation. Moreover, the organizations that act as support for the creation of companies, point out that only 8.48% of the services offered serve the new companies in their “embryonic” stage. It is concluded that the organizations that support the creation of new companies do not develop, as a priority, their activities and actions in the embryonic stage of the companies.

Keywords: Institutional Theory; Business Creation; Strengthening of the Company; Embryonic stage.

Originais recebidos em: 08/06/2017
Aceito para publicação em: 22/04/2018

REFERÊNCIAS

- ADIZES, I. A eterna juventude. Revista HSM Management. 4, 1997.
- ALBUQUERQUE, A. F. Fatores de mortalidade de pequenas empresas: análise de empresas do setor varejista a partir do ciclo de vida organizacional. 2013, 339 f. Tese (Doutorado em Economia, Organizações e Gestão do Conhecimento) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.
- APONTE, M. Factores condicionantes de la creación de la empresa en Puerto Rico um enfoque institucional. Departamento de Economía de la Empresa. Universidad Autónoma de Barcelona, 1992.
- APONTE, M.; URBANO, D.; VECIANA, J. M. Actitudes hacia la creación de empresas: un estudio comparativo entre Catalunya y Puerto Rico. Forum Empresarial, 11(2), 52-75. 2006. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63111203>
- BORGES, C; LOUIS, F. J; GERMAIN, S. Criação de empresas: um processo mais rápido e fácil resulta em empresas de melhor desempenho? Revista de Ciências da Administração, v. 15, n. 35. p. 196-207, 2013.
- CARRARO, N. C.; PARISI, C. Estudo sobre a utilização da informação gerencial nas decisões de posicionamento estratégico: uma pesquisa na indústria de calçados de Jaú - SP. In: XIV SIMPEP, 2007, BAURU. XIV SIMPEP, 2007.
- CARRARO, N. C.; CAMPOS, F. C. de A utilização da estratégia de operações e os efeitos sobre a alavancagem operacional. AURCO. Congresso International de Costos. Punta de Leste. Uruguay, 2011.
- CASERO, J. C. D. La Creación de Empresas em Extremadura. Um Análisis Institucional. Universidade de Extremadura. Departamento de Economía Financiera Y Contabilidad. p. 343. 2003. Disponível em: <<http://www.unex.es/publicaciones>>. Acesso em: 23 mar. 2015.
- CHEVERS, D. A. Key factors of process maturity in English-speaking Caribbean firms. RAE-Revista de Administração de Empresa, v. 54, n. 3, maio-junho, 2014.
- CHURCHILL, N.; LEWIS, V. The Five Stages of Small Business. Growth. Harward Business Review. 61 (3), 30-50, 1983.
- COMMONS, J. R. Institutional Economics. American Economic Review, vol. 21, p. 648-657, 1937.
- COOPER, A. C. The role of incubator organizations in the founding of growth oriented firms. Journal of Business Venturing, 1(1). pp. 75-86, 1985.
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Sage, 2010.
- DOMINGUEZ, F. J. G. Incidencia del Marco Institucional en la Capacidad Emprendedora de los Jóvenes empresarios de Andalucía. Departamento de Administración de Empresas Y

Comercialización e Investigación de Mercados (Marketing) Universidade de Sevilla, Sevilla, 2004.

FERRO, J. R; TORKOMIAN, A. L. V. A criação de pequenas empresas de alta tecnologia. RAE - Revista de Administração de Empresas, 28(2)43-50, 1988.

FERREIRA, L. F. F; OLIVA, F. L; OLIVA, S, S. A; HILDEBRAND, C. C; LIMA, A. C. Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. Gestão & produção, São Carlos, v. 19, n. 4, p. 811-823, 2012.

FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. RAE - Revista de Administração de Empresas, Out./Dez. 1999. vol. 39, n. 4.

GAITHER, N; FRAZIER, G. Greg. Administração da produção e operações. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

GALBRAITH, J. Stages of Growth. Journal of Business Strategy, 3 (1), p. 70-79., 1982.

GRAPEGGIA, M; LEZANA, A. G. R; ORTIGARA, A. A; SANTOS, P. C. F. dos; Fatores condicionantes de sucesso e/ou mortalidade de micro e pequenas empresas de Santa Catarina. Produção, v. 21, n. 3, p. 444-455, 2011.

GUPTA, P. D; GUNHA, S; KRISHNASWAMI, S. Firm growth and its determinants. Journal of Innovation and Entrepreneurship. p. 2-14, 2013. Disponível em: < <http://www.innovation-entrepreneurship.com/content/2/1/15>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

HELFAT, C. E., PETERAF, M. A. The dynamic resource-based view: capability lifecycles. Strategic Management Journal, v. 34, n. 3, p. 997-1010, 2003.

LESTER, D; PARNELL, J; CARRAHER, S. Organizational life cycle: a five-stage empirical scale. The International Journal of Organizational Analysis, v. 11, n. 4. p. 339-354, 2003.

MACHADO, H. V; ST-CYR, L; MIONE, A; ALVES, M. C. M; O processo de criação de empresas por mulheres. RAE-eletrônica, v. 2, n. 2., 2003.

MASSIANI, S. A, BARAKAT, S. R, GOUVÊA, M. A, POLO, E. F. Empreendedorismo e competitividade global: uma análise multivariada de dados. Revista de Gestão Unichapecó. RGO Revista Gestão Organizacional. v. 5, n. 2. p. 259-271, 2012.

MACHEK, M. MACHEK, O. A Model of Small Business Growth. International Journal of Economics and Statistics, 2013.

MIRANDA, L. C.; CARVALHO, I. R.; LIBONATI, J. J; CAVALCANTI, P. R. N. (2013) Práticas de contabilidade gerencial: evidências em consultorias oferecidas por revistas especializadas aos empresários das micro, pequenas e médias empresas. Revista de Contabilidade e Controladoria. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 5, n.1, p. 139-157, 2013.

NASCIMENTO, S. P. do. Guerra fiscal: uma avaliação comparativa entre alguns estados participantes. Economia aplicada, v. 12, n. 4, p. 677-706, 2008.

NORTH, D. C. Institutions and Economic Growth: A Historical Introduction. World Development. v. 17, Issue 9, 1989.

NORTH, D. C. Institutions, Institutional Change and Economic Performance. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1990.

NORTH, D. C. Towards a Theory of Institutional Change. Quarterly Review of Economics and Business Performance Through Time. vol. 31, nº 4, 1991.

NORTH, D. C. Instituciones, Cambio Institucional y Desempeño Económico. Fondo de Cultura Económica. México, 1993.

OLIVEIRA, J; ESCRIVÃO FILHO, E. Ciclo de vida organizacional: descrição de três estágios de desenvolvimento das pequenas empresas em quatro especificidades. Economia Global e Gestão. v.16 n.1 Lisboa abr. 2011.

SARMENTO, E. M.; NUNES, A. Criação de Empresas em Portugal e Espanha: análise Comparativa com base nos Dados do Banco Mundial. Universidade de Aveiro (Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial), 2011. Disponível em: <file:///D:/Documentos/Downloads/WP5_2010.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SCHEUREN, B. F. What is a survey? Booklet, American Statistical Association, 2004.

SCOTT, M.; BRUCE, M. Five Stages of Growth in Small Business. Long Range Planning, v. 20, n. 3, p. 45-52, 1987.

SUNDFELD, J. B. Desafios das médias e pequenas empresas. O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 1 – 1. 2011.

URBANO, D. Factores condicionantes de la creación de empresas en Catalunya: un enfoque institucional. Departamento de Economía de la Empresa. Universidad Autónoma de Barcelona. 2003.

URBANO, D.; ALVAREZ, C. Institutional dimensions and entrepreneurial activity: an international study. Small Business Economics, 42(4): 703-716, 2014.

URBANO, D; SORIANO, D. R; THORNTON. Socio-cultural factors and entrepreneurial activity: An overview. International Small Business Journal 29(2) 105–118, 2011.

VECIANA, J. M; URBANO, D. Actitudes de los estudiantes universitarios hacia la creación de empresas: um estudo empírico comparativo entre Catalunya y Puerto Rico. Universitat Autònoma de Barcelona. 2001.

VALE, G. M. V; GUIMARÃES, L. O. Redes sociais na criação e mortalidade de empresas. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 50, n. 3. maio-junho, p. 325-337, 2010.

VALE, G. M. V. Empreendedorismo, marginalidade e estratificação social. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 54, n. 3, maio-junho, p. 310-321, 2014 .

VECIANA, J .M. Empresario y Proceso de Creación de Empresas, Revista Económica de

Catalunya. n. 8, 1998.

VIAPIANA, C. Fatores de sucesso e fracasso da micro e pequena empresa. In: Anais do II EGEPE, p. 505-525, Londrina, Paraná, Nov. 2001.

WHETTEN, D. A. O que Constitui uma Contribuição Teórica? RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 43, n. 3, jul-set, p.69-73, 2003.

YIN, R. K. (2010) Estudo de caso. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.